

MATERNIDADE, TRABALHO E EXPLORAÇÃO DA TERRA: UMA LEITURA DE *A ÁRVORE MAIS SOZINHA DO MUNDO*

MOTHERHOOD, LABOR, AND LAND EXPLOITATION: AN READING OF *THE LONELIEST TREE IN THE WORLD*

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise crítica do romance *A Árvore mais sozinha do mundo*, da escritora Mariana Salomão Carrara, a partir das categorias da maternidade, do trabalho e da exaustão da terra, e como essas são inseridas na lógica do capital na sociedade contemporânea. O romance em tela provoca uma reflexão de urgência para pensar sobre as relações entre humanos e não humanos em um mundo em colapso. Nesse âmbito, observa-se como a estrutura intertextual entre o dentro e o fora da ficção acionam mecanismos presentes no contemporâneo, como os *hiperobjetos* que modificam continuamente a vida na Terra. Diante disso, trazemos para a discussão as contribuições de Achille Mbembe (2025) ao pensar sobre uma reorganização da comunidade terrestre; o debate pela perspectiva feminista de Silvia Federici (2022) e Cristina Stevens (2005), entre outras, sobre a maternidade e o trabalho atravessados pelo gênero; além das considerações de Graham Allen (2000), Greta Gaard (2017), Stacy Alaimo (2017) e Timothy Morton (2023) no que tange ao pensamento ecológico, ao ecofeminismo e ao seu campo intertextual.

Palavras-chave: Maternidade. Trabalho. Exaustão da terra. Mariana Salomão Carrara.

ABSTRACT

This article proposes a critical analysis of the novel *A árvore mais sozinha do mundo*, by Mariana Salomão Carrara, based on the categories of motherhood, labor, and land exhaustion, examining how these are embedded within the logic of capital in contemporary society. The novel prompts an urgent reflection on the relationships between humans and non-humans in a world in collapse. In this context, it explores how the intertextual structure between the internal and external dimensions of fiction activates contemporary mechanisms, such as the hyperobjects that continuously reshape life on Earth. Consequently, the discussion incorporates the contributions of Achille Mbembe (2025) regarding the reorganization of the terrestrial community; the feminist perspective of Silvia Federici (2022) and Cristina Stevens (2005), among others, concerning motherhood and labor intersected by gender; as well as the considerations of Graham Allen (2000), Greta Gaard (2017), Stacy Alaimo (2017) and Timothy Morton (2023) regarding ecological thought, ecofeminism, and its intertextual field.

Keywords: Motherhood. Labor. Land exhaustion. Mariana Salomão Carrara.

Ana Ximenes Gomes de Oliveira

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Professora adjunta da Faculdade de Letras/UFAL. Orcid: 0000-0002-0598-063X. E-mail: ana.ximenes@fale.ufal.br

Primeiras considerações

A utopia do crescimento sem limites em um planeta cada vez
mais reduzido já se esgotou.
Achille Mbembe (2025, p. 29)

A literatura pode proporcionar leituras que nos convocam a pensar sobre nós mesmos e sobre o mundo que habitamos. Se observarmos ao nosso redor a partir de uma multiplicidade de pensamentos, o que inclui ponderações sobre as ações humanas diante das catástrofes anunciadas e os caminhos percorridos pela humanidade no projeto de Modernidade e progresso, observamos também a importância de refletir sobre contextos socioambientais que são problemáticos e como eles nos impactam. Uma das formas para construir tais reflexões é por meio do efeito que o texto literário provoca sobre nós, pois o ato de fabular o mundo, as narrativas do mundo, nos inserem nele próprio, nos devolvem ao que é primordial em nossas existências.

Como cita Achille Mbembe (2025) na epígrafe acima, projetar o crescimento de um território ou de um sistema socioeconômico não pode vir dissociado de análises sobre suas consequências e ressonâncias globais em todas as formas de vida e em todas as coisas. Nesse sentido, os autores Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski alertam para o debate interdisciplinar ao pensar o mundo e o meio em que vivemos: “A ‘natureza’ ou ‘ambiente’, em suma, seria algo sério demais para ser deixado exclusivamente nas mãos (e nos orçamentos de pesquisa...) dos cientistas naturais. Tanto mais que as distinções entre ‘ambientado’ e ‘ambientante’, natureza e cultura, tornam-se teórica e empiricamente cada vez mais problemáticas” (Castro; Danowski, 2015, p. 13).

No ensaio “Literatura para um mundo em colapso”, a escritora Carola Saavedra inicia o texto com a pergunta “Mas como a literatura pode nos ajudar a imaginar outros mundos?” (2021, p. 189). Tal questão também proporciona outras inquietações, como: é possível pensar outras formas de habitar o mesmo mundo? Como organizar nosso existir no território em um mundo em colapso? Qual o poder da literatura em se conectar e impactar o mundo fora da ficção? As respostas para essas perguntas são diversas em amplos campos de estudos interconectados. Ao pensar nesse viés, observa-se como a escrita pode recriar mundos possíveis, ou nos alertar para questões urgentes em nosso tempo.

Neste artigo, propomos uma análise do romance contemporâneo *A árvore mais sozinha no mundo*, da escritora paulistana Mariana Salomão Carrara, a partir da personagem Guerlinda, trazendo esta como um ponto de conexão entre maternidade, trabalho e exploração da terra na lógica de produção capitalista, inseridas na estrutura sistêmica contemporânea, tendo como ponto de intersecção a exaustão gerada pelo acúmulo de trabalho e sua relação com a identidade, seja do espaço, seja do feminino. A partir dos estudos críticos do ecofeminismo, analisaremos o romance em tela a partir de uma perspectiva de aproximação em diversificadas e singulares formas de exaustão e exploração. Ao trazer a questão da natureza e o feminismo, Alaimo

(2017) sugere “enraizar o feminismo exatamente no campo que tem, há muito tempo, funcionado como abjeto. Gostaria de propor que nos colocássemos no que chamo de ‘transcorporalidade’ – o tempo-espaço em que a corporalidade humana, em toda sua carnalidade material, é inseparável da ‘natureza’ ou do ‘ambiente’” (p. 910). Mesmo apontando que as teorias feministas, em diversos âmbitos, sentiram a necessidade de distanciar a “mulher” da natureza para relacioná-la com a cultura, considerando as intervenções do discurso e as disputas de poder a partir de sua construção social e como a cultura atua na formação dos sujeitos, Alaimo (2017) destaca uma perspectiva de relação entre o humano e não humano a partir de um ponto de transformação, que opera nessas relações de modo a tensionar o ponto central dos dualismos rejeitados pelos feminismos, que se configuram a partir do caráter estático e da noção de passividade ao relacionar-se com a natureza. De encontro a isso, a autora destaca a mutabilidade e transformação não só na cultura, mas também na natureza:

Em vez de fugir dessa natureza aviltada, associada à corporalidade, falta de intelecto e passividade, seria mais produtivo para a teoria feminista empreender a transformação dos dualismos marcados pelo gênero – natureza, cultura, corpo, mente, objeto, sujeito, recurso, agenciamento e outros – que vêm sendo cultivados para diminuir e silenciar certos grupos de humanos e a vida não humana (Alaimo, 2017, p. 911-912).

Tal relação é notória quando destacamos as relações de determinismos biologizantes em que as mulheres foram posicionadas a partir das disputas de poder em seus corpos, como a questão da maternidade, reprodução, sexualidade, desejo, trabalho, entre outros. Por isso, explica Alaimo: “pelo fato de ‘a mulher’ ter sido definida na cultura ocidental como presa à ‘natureza’ e, dessa forma, alijada do domínio da transcendência, da racionalidade, da subjetividade e do agenciamento humanos, a maior parte da teoria feminista esforçou-se para liberar a ‘mulher’ da ‘natureza’” (2017, p. 911). Corroborando com tal perspectiva, a socióloga e feminista Graciela Rodriguez, em seu texto *Eco-feminismo – superando a dicotomia natureza/cultura*, enfatiza a rejeição da perspectiva dualista das relações binárias de cultura/natureza, homem/mulher, razão/emoção, ativo/passivo, entre outras, diante de como foi localizada e essencializada historicamente: “O lugar das mulheres ligado à Natureza numa perspectiva biologizante que reforça seu papel no mundo privado e seu destino na maternidade, tem sido por isso vasta e corretamente criticado nas reflexões feministas” (Rodriguez, 2013, p. 8)¹.

Em articulação com tais estudos, aponta-se ainda neste artigo para um diálogo intertextual do texto literário, considerando o pressuposto de que os significantes e os significados, atravessados pelas relações ideológicas do tecido social, se interrelacionam

¹ Texto da socióloga e feminista Graciela Rodriguez publicado no site da Abong – Associação Brasileira de ONGs. Disponível em <https://www.abong.org.br/final/download/ArtigoEcofeminismo.pdf>. Acesso em: 4 maio 2026.

dentro e fora da ficção. Observa-se, inicialmente, que as tensões e vivências sociais também participam do mundo interno da escrita literária. Nesse sentido, Graham Allen, na relação entre dialogismo e intertextualidade, aponta que: “Se os textos são constituídos de fragmentos do texto social, então as lutas e tensões ideológicas em curso que caracterizam a linguagem e o discurso na sociedade continuarão a reverberar no próprio texto” (2000, p. 36, tradução nossa)². Assim, as categorias de análise aqui escolhidas, maternidade, trabalho e exploração da terra, carregam tais debates que transitam entre a ficção e o real, dialogando na (re)construção de sentidos das palavras. Tensionar a maternidade e o trabalho com a exaustão provoca também uma proposta de ressignificação, pois ainda como aponta Allen (2000), “os textos não possuem unidade nem um significado unificado em si mesmos; estão profundamente vinculados a processos culturais e sociais em curso” (p. 37, tradução nossa)³.

A maternidade e o trabalho na personagem Guerlinda

A árvore mais sozinha do mundo, publicado em 2024, é um romance narrado por quatro personagens narradores não humanos que integram a história: uma árvore grande, um espelho antigo e lusitano, um casaco de proteção e uma caminhonete Rural. Essa peculiaridade no foco narrativo traz ao romance múltiplas perspectivas para contar a história de uma família composta pelo casal Carlos e Guerlinda, e seus filhos: Pedro, o mais novo; Maria e Alice – uma mais nova e outra já adolescente –; além da presença da avó materna, Elvira. Essa narração multifocal provoca uma leitura dialógica do território ambientado e seus personagens humanos, uma família de agricultores da região Sul do país. O espaço em que a narrativa se passa é intercalado entre três espaços principais: o ambiente de dentro da casa, o do jardim próximo à casa e a plantação de fumo na fazenda. Esses são os ambientes em que os personagens humanos que compõem a família circulam durante o enredo, sendo narrados por narradores específicos, semifixos e com uma visão periférica limitada em cada um deles, construindo, assim, um mosaico de vozes numa narrativa polifônica⁴.

“Eles sabem tanto de amor. Era melhor saberem menos, assim acabavam logo comigo. Eles acham que sabem muito de venenos, mas não podem saber mais do que eu” (Carrara, 2024, p. 11). Essas são as primeiras frases que abrem o romance, narradas pela árvore que fica em frente à casa, e que a partir de sua copa consegue observar a

² No original: “If texts are made up of bits and pieces of the social text, then the on-going ideological struggles and tensions which characterize language and discourse in society will continue to reverberate in the text itself” (Allen, 2000, p. 36).

³ No original: “texts have no unity or unified meaning on their own, they are thoroughly connected to on-going cultural and social processes” (Allen, 2000, p. 37).

⁴ Por polifonia utilizamos o conceito bakhtiniano que se debruça no estudo da poética de Dostoiévski: “A essência da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes, aqui permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior à da homofonia” (Bakhtin, 2002, p. 21).

residência do alto. Tal voz na narrativa assume ao longo da obra um tom de memória do espaço e um olhar existencialista atribuído a um ser não humano, apresentando uma força de agenciamento para problematizar e reivindicar a vida. Contudo, a árvore ao mesmo tempo em que fala das misérias existentes do lugar, não dirige seu olhar com um tom de julgamento. Há uma benevolência dessa narradora ao olhar os humanos, ao enxergar seus erros repetidos por gerações que aos poucos destroem o mundo, assim como o solo em que ela própria está enraizada.

Ao refletir sua consciência de si, a árvore nos diz: “Quero deixar aqui registrado que não há propósito nenhum em ser uma árvore se as pessoas não podem ouvir o que você grita [...]” e “De que vale ser uma árvore, meu Deus, se é isto a natureza” (Carrara, 2024, p. 46-47). O desencanto da voz narrativa é pela sua condição diante do todo, diante da natureza. Seu lugar no mundo lhe parece em colapso, pois, ao olhar para o humano, sente dor e pena pelos males imersos no solo que lhe transporta vida. Há uma sugestão de quebra da quarta parede, propondo uma relação de diálogo com o leitor a partir da consciência da escrita. O ponto de vista da árvore-narradora problematiza o conceito de Natureza, com letra maiúscula, como algo isolado ou idealizado e que só é visto e refletido pelo humano em seu estado de emergência. Essa problematização provoca na leitura do texto uma necessidade de ruptura dessa separação entre humano e “Natureza”: “A Natureza enquanto tal aparece quando a perdemos, e é conhecida como uma perda. Junto com a desorientação do mundo moderno vem a tristeza inefável” (Morton, 2023, p. 193). Por isso, a árvore-narradora alerta em seu monólogo interior para uma relação de coabitar o mundo de forma interconectada.

Diferentemente da árvore em sua narração que nos conta o que acontece no jardim em frente à casa, os momentos do espaço interno, mais precisamente na sala, são narrados pelo espelho lusitano. Nesses momentos, a voz narrativa observa as ações e sentimentos dos personagens humanos. Porém, é também uma narração limitada, seja pelo espaço, pois só pode ver o que se passa à sua frente na sala, onde está fixado na parede, seja pela não onisciência dos pensamentos dos outros personagens, o que não o impede de construir suas reflexões a partir de uma identidade não humana e de suas memórias, visto que o espelho está na família há muitas gerações. Em alguns momentos, essa voz narrativa, pela lente da memória da família, também mostra como o impacto da mudança climática amedronta os humanos que habitam a casa: “Agora estão todos em silêncio com o ensopado, e eu sei que é um silêncio de geadas, talvez somente eu o saiba, porque esta gente simplória se calhar julga que cada um está sozinho no seu pensamento de geada quando claramente a família está aqui toda paralisada nesse pavor” (Carrara, 2024, p. 22).

O uso excessivo dos agrotóxicos na plantação e monocultura do tabaco moldam com o passar do tempo a rotina, a relação com o trabalho, a relação existencial das personagens e até a construção biológica do corpo humano, em um processo de degradação de amplas faces: “o garoto que onde colocam dá raízes, uma criança facilíma, é devagar com as palavras, se calhar os venenos lá fora mexeram na gestação” (Carrara, 2024, p. 23). A gestação da personagem Guerlinda é atravessada pelo veneno químico usado cotidianamente na produção do fumo, tanto na formação do seu

filho quanto no momento antecipado do parto. Segundo Alaimo (2017), “Imaginar a corporalidade humana como transcorporalidade, em que o humano está sempre enredado com o mundo mais-que-humano, enfatiza o quanto a substância corpórea do humano é fundamentalmente inseparável do ‘ambiente’” (p. 910). Observa-se no romance a possibilidade de relacionar a exaustão da vida da personagem, enquanto mãe e trabalhadora, com a exaustão da terra pela exploração do capital, como acontece no território narrado. Assim, opera-se nesta análise um olhar interligado e relacional do todo, em que modelos de exploração que configuram as relações entre os seres, os elementos da natureza e os objetos que ocupam o espaço estão conectados e se espelham.

Estabelecendo como ponto de conexão crítica o pensamento relacional, destaca-se o que Achille Mbembe fala sobre uma *ecologia geral*: “O ar, o fogo, a terra e a água não mantêm apenas vínculos compensatórios entre si, mas estão implicados uns nos outros. Em grande medida, é porque o Uno é Múltiplo (ou potencialmente contém o Múltiplo) que ele pode gerar substância” (2025, p. 46). O autor reflete a partir de um pensamento africano sem criar uma relação *a priori* de antítese entre o “pensamento ocidental” e o pensamento africano, como ele mesmo explica, buscando investigar os futuros da Terra tendo como base uma teoria da vida. Na citação acima, observa-se que é ao compartilhar energia em suas existências que todos os elementos se tocam e se modificam. Por isso ser urgente pensar o território, os seres, as coisas e os modos de produção e consumo a partir de um princípio relacional, pois assim tem-se ciência dos impactos e possibilidades de suas mudanças.

Mbembe (2025) atua a partir do pensamento ancestral africano para nos mostrar as relações interdependentes das coisas e dos seres que habitam na Terra e que ressoam em si mesmos. Tal relação nos ajuda a pensar nos efeitos de desarmonia da vida na sua relação com a terra e os seres no projeto de exploração contínua e agressiva que está em curso: “Sem relação entre si, cada um dos coletivos, cada uma das entidades e cada um dos objetos que compõem o mundo vivo são perecíveis, putrescíveis, sujeitos à interrupção da vida, e cada um desses acontecimentos é furtivo e efêmero” (Mbembe, 2025, p. 26). Com isso, reiteramos o lugar de agência que se expande para tudo que existe, seja os seres humanos, não humanos ou os objetos que compõem o mundo. Nesse viés, Guattari (2004) também sinaliza para uma necessidade de reação à emergência climática global de forma ampla e interconectada, destacando “a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos de bens materiais e imateriais” (p. 9). Pensar em um mundo descolonizado é pensar também em uma reconstrução da comunidade, ou partindo do pensamento mbembeano, da *comunidade terrestre*. Por isso, as literaturas, sobretudo do Sul Global, nos provocam a discorrer sobre as possibilidades de reconexão sinalizadas a partir da literatura.

Em *A árvore mais sozinha do mundo*, a narradora-árvore apresenta monólogos interiores que observam e refletem sobre essa experiência humana na terra: “os humanos me parecem que têm uma coisa obscura, que é saber o que é certo, o que é o melhor, mas fazer o contrário. Como olhar uma praga se instalando e sentir a vertigem

dela. Em algum lugar da mente eles querem a praga, querem deixar-se devorar” (Carrara, 2024, p. 131). Assim, é notório como essa exploração excessiva da terra ressoa na organização da vida humana, bem como nos papéis de gênero, mais especificamente na vida de Guerlinda. Essa personagem é inserida após o nascimento dos filhos e seu casamento em uma vida de silêncio e solidão, mesmo habitando o espaço da casa com a família. Seu marido vive uma depressão silenciosa pelos efeitos químicos do veneno usado na plantação por imposição dos compradores que monopolizam o mercado e com isso ela acumula o trabalho doméstico e o trabalho fora da casa imersos em um mar de ausências: ausência de si, ausência de convívio social com as pessoas vizinhas, ausência de sua relação conjugal com Carlos: “[...] e Guerlinda vai falar com quem? Ficou aqui comigo [narração da árvore] plantada nesse silêncio. Quando a mãe morava aqui ainda tinha alguém com quem disputar as receitas, possivelmente criticar a novela. Até poderia bater alguma roça mais ou menos vizinha, um olá, mas há tantos anos que perdeu o jeito disso” (Carrara, 2024, p. 25).

A personagem Guerlinda é uma mulher, nascida e vivida no espaço do campo, que vivencia uma relação com a terra e o trabalho tanto de afeto e memória quanto de exaustão. Sua relação com o corpo e a maternidade também são tocados por essa lógica que a faz seguir uma trajetória de se perder de si aos poucos, como pode ser visto na narração do espelho ao refletir sobre um tempo anterior à narrativa: “Sei dos olhares, sei de como essa mulher me olhava quando era nova e depois o olhar em cada gestação, o olhar de grávida que era outro e cada vez mais baço, os filhos no mundo, antes no ventre eram muito mais fáceis de amar [...]” (Carrara, 2024, p. 78). Há uma relação com sua identidade feminina que é atravessada por uma estrutura de exaustão que dialoga com a relação sistêmica do trabalho na lógica capitalista.

Silvia Federici (2022) lembra que foi o movimento feminista, sobretudo com os escritos fundantes de Mariarosa Dalla Costa em 1975, que trouxe a reflexão de que “o trabalho doméstico é subordinado às necessidades do mercado de trabalho, então as relações familiares, sexuais e de gênero são ‘relações de produção’” e isso: “revelou que o pessoal é político e também que a separação público/privado é um ardil que mistifica o trabalho não remunerado das mulheres como um ‘trabalho de amor’” (Federici, 2022, p. 256). A invisibilidade do trabalho doméstico e do cuidado no espectro da maternidade, apontada por Federici (2022) como base para a estrutura do mercado, pode ser vista como uma base silenciosa para uma macroestrutura das relações de trabalho. “Quando algo é invisível, não se consegue ver sua destruição. A invisibilidade da dependência das sociedades humanas das produções das mulheres e da natureza, claramente funcional aos mercados, tem conduzido a dois dos maiores problemas que enfrentam os seres humanos: a crise ambiental e a crise dos cuidados” (2008, p. 6).⁵

No que se refere à realidade brasileira, observamos que a exploração da terra pelo agronegócio constitui um elemento central para pensar a edificação das relações

5 Tejer la vida en verde y violeta. Cuaderno 13. Ecologistas en Acción. España. 2008. Disponível em: https://www.ecologistasenaccion.org/wp-content/uploads/adjuntos-spip/pdf_Cuaderno_13_ecologismo_y_feminismo.pdf. Acesso em: 1 maio 2026.

de trabalho historicamente. Advinda de uma construção colonial que se consolida pela base capitalista e seus outros modos de colonialidades – de gênero, de poder –, a exploração do corpo físico e psíquico no trabalho é notória como ponto de sustentação da estrutura.

Uma das vozes narrativas do romance é uma capa de proteção para o trabalho com o veneno jogado na plantação da fazenda. É importante salientar que em cada voz narrativa há marcas estéticas no texto que contribuem com a verossimilhança do enredo. A capa de proteção é relativamente nova na casa, pois foi comprada um pouco recentemente para o trabalho intensificado com os agrotóxicos. Assim, sua narração assume uma voz infantil. Há alguma ingenuidade em sua contação da história ao falar sobre os personagens e sobre os elementos centrais da narrativa, como o veneno, que na sua narração é chamado de “remédio”. Não obstante, em sua fala podemos perceber como a relação com o trabalho está adoecendo os integrantes da família:

A Maria diz que as folhas deixam ela doente, ela fica vomitando cheia de dor de cabeça, mas a Alice diz que não tem nada a ver, que a Maria passa mal porque não aguenta o trabalho, é uma intelectual, daí faz vozes imitando a irmã, e no fim acaba me vestindo, eu na verdade agora vou ficar na Maria que é quem diz que tem a doença da folha verde, os outros ficam com as roupas mais rasgadas [...] (Carrara, 2024, p. 61).

A pouca condição de trabalho e a necessidade de participação de todos da família, sobretudo os filhos, mostram no romance uma precarização dessa atividade e uma impossibilidade de ir contra, devido ao processo de endividamento. A dívida na estrutura de trabalho de pequenos agricultores é essencial para a manutenção do monopólio de compra dos grandes empresários. Os chamados na narrativa de “orientadores” representam os empresários que se firmam como únicos compradores para o produto da fazenda e que exigem cada vez mais que os trabalhadores da lavoura comprem e usem os venenos para aumentar a produção, dominando também os preços aplicados. A pesquisadora Marcela Rosa (2024), a partir de uma pesquisa sobre os trabalhadores do campo em fazendas de fumicultura no Brasil, destaca a existência de dois processos na agricultura brasileira: *do capital monopolista* e a *monopolização do território*. De acordo com a autora, o primeiro refere-se aos setores que detêm a propriedade e possuem seus trabalhadores assalariados. O segundo, que é a realidade presente no romance em estudo, refere-se ao setor em que a renda é baixa: “Nestes setores as empresas não expropriam diretamente o agricultor, mas subjugam o produto do seu trabalho. É o caso das grandes indústrias de laticínios, uva, carne, laranja, frutas em geral, grãos, alimentos para o mercado interno (arroz, feijão, trigo, milho, mandioca, etc) e fumo” (Rosa, 2024, p. 314).

Rosa (2024) faz uma análise sobre esses modos de produção e exploração da terra e do corpo que trabalha, articulando com a chamada Revolução Verde, que injetou após a Segunda Guerra Mundial insumos, produtos químicos na agricultura em larga

escala, tendo como foco o lucro máximo a partir do monopólio do trabalho de pequenos agricultores que são inseridos nessa estrutura de produção e presos em dívidas que se perpetuam. Como lembra Federici, “a financeirização da reprodução, por meio da qual se produzem muitas dívidas, individuais e familiares, não é algo sobreposto à economia real, mas é a *economia real*, uma vez que esta é organizadora direta do trabalho das pessoas” (2022, p. 119, grifo da autora). No Brasil, esse processo vem impactando intensamente o meio ambiente com “a continuada destruição dos diferentes biomas, o aumento das áreas em processo de desertificação, o aumento da erosão dos solos, a perda da água, a contaminação dos aquíferos, dos rios, dos mares e também dos alimentos” (Rosa, 2024, p. 313). Esses impactos, físicos, psicológicos, culturais e sociais são vistos no romance em estudo, mostrando, sobretudo, os atravessamentos vistos por outras categorias, como gênero e classe.

A Guerlinda voltou há pouco das galinhas foi logo para a casa de banho para refrescar a cara, ajusta agora diante de mim o avental sujo de lama, passa à pressa um batom rosado que esconde no bolso no instante em que avançam pela sala dois homens [...], a Guerlinda simula a concentração no tacho mas estica-se toda para que a vejam os homens que parecem conseguir ver através dela, *já é um fantasma de mulher* [...] (Carrara, 2024, p. 152, grifo nosso).

Assim, estabelecemos uma aproximação da terra, tida como um território de produção na relação com o outro por estar inserido em um macrossistema; e o feminino com a maternidade, uma instância que por vezes é sobrecarregada dentro de uma estrutura social de trabalho. No caso do romance, essa estrutura tangencia as mulheres na sua construção identitária e na sua subjetividade, sendo elas também atravessadas pelo uso dos venenos no meio ambiente. Por isso, tratamos a maternidade vista pelo viés político de construção do sujeito feminino, sendo, então, uma maternidade política. Considera-se a maternidade como uma categoria política, pois essa se apresenta ao feminino como uma instância que lhe atravessa e abrange os espaços políticos, psicológicos, culturais e sociais; e problematizar essa categoria possibilita a construção de possibilidades de reviravolta nas experiências femininas em sociedade.

No romance em estudo, isso fica mais explícito quando a voz narrativa do espelho destaca: “os humanos precisam de mais braços, era preciso que fossem oito tentáculos bem compridos e eficientes para que pudessem ser mães e ao mesmo tempo serem qualquer outra coisa” (Carrara, 2024, p. 80). Nesse trecho, observa-se como esse modelo de maternidade impacta a possibilidade das mulheres de também ocuparem outros papéis sociais. Além disso, ele sinaliza uma outra questão: se a mãe ocupa o lugar primário ou quase único de cuidar da casa e dos filhos em determinados contextos, quem cuida dessa mãe? Em que momento ela pode exercer outros papéis que sejam dissociados do materno? Como os sentimentos de ambivalência ligados à maternidade podem ser validados nessa experiência? Essas parecem ser perguntas retóricas quando olhamos para a personagem Guerlinda, visto que são essas respostas

que ela parece buscar ao olhar profundamente no espelho em momentos esparsos da narrativa. No contexto contemporâneo, visto por muitas críticas como uma terceira fase do posicionamento de pensadoras feministas sobre os estudos maternos, reflete-se como a maternidade e os termos mãe/maternal são complexos e impossíveis de proporcionar uma definição única (Stevens, 2005). Em um momento narrado no espaço interno da casa, o espelho nos diz: “À Guerlinda não ensinaram como adolecer, saltou depressa de menina para mãe, e a essa mãe portanto não ensinaram como amar uma adolescente, se calhar é assim mesmo que se faz, um amor adversário” (Carrara, 2024, p. 182). Essa é uma reflexão que mostra a atenção constante para que os discursos não caiam em perspectivas universalistas ou idealizadas. Cristina Stevens em seu artigo “Ressignificando a maternidade: psicanálise e literatura” (2005) aponta ainda que: “a maternidade é um dos pilares que sustentam o patriarcado e também um componente importante da identidade feminina – a maternidade é, ao mesmo tempo, um *locus* de poder e opressão, auto-realização e sacrifício, reverência e desvalorização” (Stevens, 2005, p. 68).

A autora aponta um lugar de *encruzilhada* para pensar a maternidade e o feminino, a partir de uma consciência analítica de como o sistema socioeconômico insere essa instância como espaço de disputa de poder. No entanto, sem operar no âmbito da negação à experiência materna, o que muitas feministas contemporâneas nos iluminam no campo de discussão é para a constante construção de uma terceira via (se pensarmos nesse lugar de encruzilhada). Faz-se, assim, evidente a elaboração em curso de ressignificações da maternidade, bem como dos termos mãe e maternal – como reflete Stevens (2005) –, a partir dos escritos de autoria feminina, seja na crítica, seja no texto ficcional: “Acredito que o feminismo começa a escutar as histórias que as mães têm para contar; acredito também na importância da ressignificação da mãe/do maternal, para que possamos nos livrar de sacralizações e fantasias que nós mulheres naturalizamos por tanto tempo” (Stevens, 2005, p. 69-69).

Na narrativa em estudo, há um processo de despersonalização ou problematização da identidade quando mulheres estão inseridas em jornadas exaustivas de trabalho e/ou uma estrutura de expropriação sistêmica. No caso da personagem Guerlinda, ela faz parte de uma estrutura de exploração pelo capital. Seu marido, Carlos, também faz parte do mesmo processo de expropriação do trabalho, pois ao longo da narrativa passa por um adoecimento, uma depressão química devido ao uso excessivo de agrotóxicos na plantação, fator que não pode lutar contra visto que é uma ingerência dos compradores que detêm o domínio de compra: “o pai contraiu uma tristeza profunda que não se cura, ela só piora porque há sempre um veneno novo para pôr nas plantas [...]” (Carrara, 2024, p. 49). Contudo, a personagem Guerlinda acumula o trabalho no campo com o trabalho doméstico e de cuidado com os filhos, fato que atravessa seu reconhecimento de si. Assim como propõe Andrea O’Reilly sobre uma teoria da maternidade ou um *feminismo matricêntrico*, a maternidade atravessa a identidade das mulheres que se reconhecem como mães: “qualquer compreensão da vida das mães permanece incompleta sem considerar como o tornar-se mãe e o ser mãe moldam o

senso de si de uma mulher, bem como a maneira pela qual ela percebe e experiencia o mundo” (O’Reilly, 2021, n.p., tradução nossa).⁶

Colocar, então, a maternidade como um ponto central de análise significa dizer que tal instância é significativa na vida das mulheres mães, mesmo não sendo definidora. É justamente no questionamento das limitações em que essa vivência foi localizada historicamente que é possível subverter a lógica patriarcal. Tal apontamento articula um agenciamento da maternidade como uma categoria que experiencia tanto um território de disputas de poder quanto uma força de empoderamento e autonomia das mulheres. Elevando tal reflexão para uma estrutura macrosistêmica, lembramos o que diz Federici: “Devemos admitir que o capital tem sido muito bem-sucedido em esconder nosso trabalho. Ele criou uma verdadeira obra-prima à custa das mulheres. Ao negar um salário ao trabalho doméstico e transformá-lo em um ato de amor, o capital matou dois coelhos com uma cajadada só” (2019, p. 44).

Por isso, esta análise traça um diálogo entre a exaustão da terra e a exaustão de Guerlinda enquanto trabalhadora e sua maternidade. No momento em que a voz narrativa do espelho nos conta sobre sua primeira gravidez e sua experiência materna, observa-se como as formas de trabalho no feminino – a saber, o trabalho braçal no campo, a maternidade e o trabalho doméstico em casa – modificam sua vida: “A Guerlinda oprimida nesta sala a passear de um lado para o outro com a primeira filha ao colo, a estranhar o peso no braço, as mordeduras nas mamas, começou a achar a irmã excessivamente bonita, ainda mais jovem do que ela, livre de filhos [...]” (Carrara, 2024, p. 79). O momento narrado expõe a angústia da personagem ao vivenciar a experiência materna juntamente com o impacto na percepção de si e a exaustão que a partir daquele momento iria crescer exponencialmente com a mudança em seu corpo, a privação do sono, o processo de despersonalização de si e uma busca nostálgica de reencontrar sua identidade.

Em articulação com o que vivencia Guerlinda, a exploração da terra no espaço do campo pela indústria do capital também segue um caminho de mudança e adoecimento. Os modos de cultivo e produção afetam a organização do solo e do ambiente: “E então Carlos sacrifica mais cebolas, milho, elimina quase todo o grão-de-bico, amplia toda a lavoura de fumo, o orientador muito satisfeito” (Carrara, 2024, p. 24). Nesse trecho, observa-se como o cultivo que vai se tornando único do tabaco e a intensificação do uso dos agrotóxicos vai reformulando a estrutura do campo assim como a estrutura de vida. Essa reformulação, contudo, procede para um meio de vida de empobrecimento, seja financeiro, seja psíquico, deixando marcado como a exploração do corpo no trabalho é estruturante para tal sistema econômico se manter.

Esse *modus operandi* do sistema não é algo novo ou estritamente contemporâneo: “Desde os primórdios, o capitalismo usou a guerra e a catástrofe para se reinventar. A catástrofe atual não é exceção” (Morton, 2023, p. 193). Timothy Morton aborda a perspectiva do pensamento ecológico como um contraponto à romantização ou

6 No original: “any understanding of mothers’ lives is incomplete without a consideration of how becoming and being a mother shape a woman’s sense of self and how she sees and lives in the world” (O’Reilly, 2021, n.p.).

separação do que é entendido, e também cooptado pelo próprio capitalismo, por Natureza, ou seja, algo distanciado do humano, algo estático: “perdemos aquela Natureza suave, adaptável, irracional e autoritária. Perdemos de verdade, porque ela nunca existiu. [...] O capitalismo não esgota todo o potencial da política e da ética ecológicas” (Morton, 2023, p. 194). Na contramão dessa visão fictícia sobre a natureza, o filósofo aponta para uma noção de conexão do todo, uma malha que une humanos e não humanos, bem como tudo que coabita o mundo, de forma benéfica ou não, como os *hiperobjetos* (o plutônio, o plástico, o isopor etc.), e destaca para a necessidade de ações e agenciamentos coletivos. Em nossa análise, portanto, podemos tratar o veneno – o agrotóxico usado na lavoura – como um hiperobjeto:

Os hiperobjetos não fazem um buraco só no mundo: eles também fazem um buraco na sua mente. O plutônio é verdadeiramente espantoso de se contemplar. Pensamos que a luz é neutra ou benigna. A radiação é luz envenenada. Pensamos que os “objetos” são passivos e inertes, algo que está “lá”. Mas só por existir esses hiperobjetos já afetam o tecido vivo (Morton, 2023, p. 190).

O veneno que habita a diegese do romance, invadindo a existência de todos que permeiam a obra, assim como os espaços que circulam, é um hiperobjeto que não está “apenas” “lá fora”, ele altera a realidade da família e permanecerá na terra e no corpo dos seres vivos por muito tempo, seja matando, como sugestivamente é narrada a morte do cachorro da família, seja alterando um funcionamento biológico humano, como na depressão química de Carlos ou a gestação de Guerlinda, além de provocar alterações funcionais do cotidiano com sintomas frequentes que se agregam à exaustão do trabalho. Como lembra Morton, “Os humanos fabricam materiais que já estão além do escopo normal da nossa compreensão” (2023, 190). Por isso, ao compreender Guerlinda como uma personagem que é afetada de múltiplas formas por esse contexto, observa-se que seu corpo e sua maternidade estão em exaustão assim como a terra por serem postas como recursos de um sistema econômico. Ao pensar nesse espaço não como algo externo, mas sim como algo em conjunto, destaca-se como a terra e a vida não humana no contexto do romance sofre, assim como os humanos. Constrói-se uma crítica à concepção de natureza como algo externo, passiva e produtora de recursos para uso do humano, assim como para o distanciamento dos *hisperobjetos* como uma realidade outra: “Os hiperobjetos não apodrecem no tempo da vida. Não queimam sem queimar outras coisas (liberando radiação, dioxinas e assim por diante). O pensamento ecológico precisa pensar o futuro desses objetos, essas coisas tóxicas que aparecem quase mais reais que a própria realidade” (Morton, 2023, p. 189). Nesse campo, a literatura contemporânea tem contribuído para uma discussão frutífera de ação e reflexão sobre o mundo, assim como os agentes que atuam nessa teia de relações.

Agenciamentos do feminino e do não humano

Os movimentos de mulheres, feminismos e ecofeminismos trazem para o campo teórico/crítico o que tange suas experiências de vida atravessadas por marcadores sociais, suas escolhas e não escolhas no mundo. Em seu estudo sobre o ecofeminismo, Greta Gaard discute uma das questões fundadoras dessa vertente: os estudos do lugar. Tal discussão problematiza as reflexões sobre o biorregionalismo e o ecofeminismo, e nos auxilia a pensar sobre as assimetrias vivenciadas no território pelos humanos e não humanos: “as duas perspectivas estão comprometidas na reestruturação e no desafio das relações assimétricas de poder” (Gaard, 2017, p. 804). É mister ressaltar que a perspectiva ecofeminista ao pensar o espaço, o território, o lugar (e, consequentemente o trabalho), acrescenta uma perspectiva crítica ao biorregionalismo apontando para as experiências marcadas pelo gênero e outras categorias sociais, como raça, classe e cultura que não podem ser universalizadas.

As limitações do biorregionalismo são muitas: por exemplo, o esforço para encorajar economias de subsistência se enfraquecerá se ignorar o fato de que, ao redor do mundo, mulheres recebem salários menores que homens, pessoas de cor ganham menos que brancos, e famílias sustentadas por mães solteiras estão dentre as mais pobres (Gaard, 2017, p. 805).

A “casa” enquanto espaço de circulação do romance *A árvore mais sozinha do mundo* atua como esse *locus* de encontro e conflito entre o que se é e o que se desejou ser para a personagem Guerlinda. Ao mesmo tempo em que é um espaço limitado, a casa e seus ambientes correlacionados (a cozinha, a sala e o jardim) fazem parte da personagem, agenciando tanto para seu conflito interno quanto para sua força de mudança. Isso parece ser metaforizado pela voz narrativa que conta a história no interior da casa, onde a personagem se constrói: um espelho. É com esse objeto-narrador que os personagens humanos se deparam, param, e reparam dentro de si mesmos. Não obstante, enfatiza-se como esse processo de ocupação e busca de si é acentuado na personagem Guerlinda, que tem a casa também como um ambiente de acúmulo do trabalho materno e doméstico. Segundo Gaard, “A interioridade relacional, que é o ponto de partida do ecofeminismo, compreende o meio ambiente e a identidade como coconstitutivos e ‘casa’ como um espaço socialmente construído, uma atividade de cocriação de lugar-e-identidade, que precisa de tempo, energia e comprometimento” (2017, p. 808). Após o incêndio ao final do romance, a casa e as mulheres se mantêm vivas, assim como após a morte de seu marido Carlos, todas se juntam em um ato de desespero e força para resistir: “Guerlinda grita ainda sem coragem de ajoelhar-se, agora vem Alice, corre em nossa direção [...]. Chega então Elvira, vem mais lenta, já se deu conta de tudo, ajoelha-se e entra neste abraço, nesta pilha de mulheres tombadas,

impossível saber se nesse aperto estão tombando mais ou ajudando-se a ficar mais uma vez de pé” (Carrara, 2024, p. 201).

Há, portanto, um reinício ao final da obra, protagonizado pelas mulheres, que não sucumbem à tragédia. Não só as mulheres, mas a árvore-narradora também mostra sua resistência de continuar viva. O espaço é, assim, mutável e transformado, bem como essas personagens. Após a morte do marido Carlos e a paralisia diante do caos de Otávio, a narradora diz: “Homens hão de vir tomar a terra, penhorar os animais, vão levar até as cabras que ainda berram sem parar, alarmadas pelo berro humano. As mulheres vão sumir com Pedrinho numa boleia qualquer. Vou continuar aqui com meu galho erguido segurando o balancinho” (Carrara, 2024, p. 203).

Se o espaço é construído socialmente, podemos também verificar que as interações sociais e, conseqüentemente, a produção de linguagem conectam a sociedade no âmbito da cultura, direta ou indiretamente, e provocam em nossas relações uma contínua interatividade. A partir desse pensamento, analisa-se a tragédia climática vivenciada no romance com o cenário contemporâneo, provocando reflexões sobre a nossa relação atual com o meio ambiente, os processos invasivos de devastação e adoecimento, bem como as relações de exploração do trabalho e da terra como espaço a serviço do capital. Isso corrobora o que Allen (2000) destaca sobre a literatura ser produzida a partir de um sistema de significados estabelecidos por obras anteriores, por isso há uma relação intrínseca de diálogo intertextual que rejeita a noção pura de independência dos textos. “O ato de leitura, sustentam os teóricos, mergulha-nos em uma rede de relações textuais.” (Allen, 2000, p. 1, tradução nossa).⁷ No romance, a voz narrativa da árvore parece fazer esse trânsito entre os fatos da ficção e uma realidade externa: “O que sabe uma árvore dos pedidos de uma criança supostamente feia esquecida no canto de um país esquecido num mundo que vai acabar porque nós da natureza insistimos em discordar dos humanos” (Carrara, 2024, p. 107). Essa “discordância” dita pela árvore-narradora, sem se limitar para o âmbito intencional, também aponta para uma ação de agência da natureza não humana ao responder pelos feitos e intervenções do humano nas condições climáticas. De acordo com Alaimo (2017), “Uma compreensão clara da agência da natureza não humana não só enriquece o entendimento histórico, mas também catalisa uma ética ambientalista de parceria” (p. 917).

Por ser relacional, não tomaremos o texto ficcional como um ponto de início no discurso, pois está em contínua relação de construção do significado a partir do texto social, como destaca Allen (2000): “O texto é uma prática e uma produtividade; seu estatuto intertextual representa sua estruturação de palavras e enunciados que existiam antes e continuarão a existir após o momento da enunciação” (Allen, 2000, p. 36, tradução nossa).⁸ Sobre essa intertextualidade com outros textos não ficcionais,

⁷ No original: “The act of reading, theorists claim, plunges us into a network of textual relations” (Allen, 2000, p. 01).

⁸ No original: “The text is a practice and a productivity, its intertextual status represents its structuration of words and utterances that existed before, will go on after the moment of utterance” (Allen, 2000, p. 36).

destaca-se o que a autora Mariana Salomão Carrara responde em entrevista, ao ser questionada sobre o livro ser lido como uma alegoria à emergência climática vivenciada em nossa era:

É interessante a leitura como alegoria do nosso apocalipse climático, nossos envenenamentos. Mas também é uma questão bastante literal, inspirada nas reportagens sobre a epidemia de suicídios no Rio Grande do Sul, associada aos agrotóxicos pesados do fumo. Também as estufas mais simples, com a falta de dinheiro para manutenção, comumente se incendiam. Então esses retratos são bastante inspirados na realidade do plantio de tabaco no Brasil.⁹

As alegorias apontadas na entrevista com a autora são sugestivas no romance, que conectam sua narrativa com as narrativas publicadas em jornais e revistas sobre as condições psíquicas na lavoura de tabaco no país. Além disso, nesse processo de narrativização, a obra aponta para uma espécie de morte em vida da personagem Guerlinda, diferente do suicídio do pai ao final do romance. Guerlinda, pouco antes de saber da morte do seu marido, começa a escrever uma carta/bilhete, momento que é narrado na parte interna da casa pelo espelho-narrador. Inicialmente, o espelho nos sugere uma escrita para a irmã da personagem, sinalizando um desespero em sua vida com a decisão de entregar seus filhos para serem criados com a tia, pela sua impossibilidade em ofertar uma vida saudável no espaço da fazenda. Contudo, essa narração se apresenta ao final apenas como uma reflexão da voz narrativa, que altera sua conclusão para um bilhete de despedida da personagem, seja da casa ou seja vida: “Começa a parecer-me que é de despedida o bilhete, vai-se desta quinta, ou vai-se muito além. Ameaça desistir de deixar a nota a quem quer que seja, ou ameaça desistir do que quer que seja” (Carrara, 2024, p. 200).

Observa-se, com isso, que a personagem em estudo é construída por várias camadas. No trecho acima verifica-se que até o seu último desejo é interrompido, seu desejo de abandonar tudo, mesmo que seja mais um impulso de desespero, é interrompido pela morte do seu marido. Há, assim, um duplo de finitude e renascimento que a obra sugere ao final. Na leitura do romance temos acesso às dificuldades e tensões vivenciadas pela personagem Guerlinda, mas também à força de resistir e construir um próprio renascimento do eu. A voz narrativa da árvore, ao olhar e refletir sobre essa personagem, ressalta:

[...] a Guerlinda é isso, essa força toda, mesmo eu implacável nas tempestades e firme nas geadas, mesmo eu inteira encapsulada em cascas e folhas não tenho esse poder. Como diz a Maria, quando Deus descer aqui e me perguntar se quero ser a árvore mais inteligente

9 Entrevista concedida ao Prof. Dr. Antonio Barros de Brito Junior (UFRGS), supervisor do projeto de pesquisa “É possível sentir o Antropoceno?”, que tem como fruto de uma ação de extensão a organização do site *Carbono*, em que a entrevista foi publicada. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/carbono/o-site/>. Acesso em: 8 abr. 2026.

do mundo ou prefiro ser outra coisa, eu vou dizer que quero ser a Guerlinda [...] (Carrara, 2024, p. 92).

Essas posições, ora complexas ora difíceis para a compreensão da personalidade da personagem, dialogam com o que Bakhtin (2011) menciona sobre o processo de construção estética: “na obra de arte, a resposta do autor às manifestações isoladas da personagem se baseiam numa resposta única ao *todo* da personagem, cuja manifestações particulares são todas importantes para caracterizar esse todo como elemento da obra” (p. 04, grifo do autor). Por isso, a atitude desesperada de Guerlinda, seja em entregar seus filhos para a irmã criar longe da fazenda, ou abandonar a própria vida ou o espaço em que vive, aponta para uma identidade esfacelada, atingida pela estrutura do trabalho e por não ter tido oportunidade de experienciar outro modelo de maternidade.

Ainda na perspectiva bakhtiniana, destacamos o seguinte questionamento do autor: “Quantos véus necessitamos tirar da face do ser mais próximo – que nela foram postos pelas nossas reações casuais e por nossas posições fortuitas na vida –, que nos parecia familiar, para que possamos ver-lhe a feição verdadeira e integral” (Bakhtin, 2011, p. 4). Tal reflexão possibilita também uma aproximação das experiências maternas vividas no mundo real no que tange o descortinamento necessário sobre os estudos maternos e suas representações ou desnaturalizações a partir da literatura. Dessa forma, percebe-se a necessidade de estudos e debates frutíferos no campo dos estudos feministas, culturais e de gênero sobre a condição feminina e as representações da maternidade.

Últimas considerações

A partir das perguntas sobre como a literatura nos conecta para criar outros mundos possíveis ou como organizamos o nosso existir no território que está colapsando, nota-se que a literatura de Mariana Salomão Carrara não se propõe a oferecer mais uma utopia que nos conduza para fugas de um mundo caótico. Pelo contrário, a obra em estudo nos convoca a pensar na urgência do presente e nos efeitos que reorganizam nosso viver. De forma nítida, a obra segue na contramão de um lugar romantizado para pensar a natureza, aproximando-se com o debate proposto por Morton (2023) sobre a não desconexão entre o humano e o não humano. Nesse sentido, é mantido o olhar crítico diante da tragédia climática do meio e de como isso reverbera nos seres vivos, como podemos observar na narração da árvore, ao final do livro, após o suicídio de Carlos tomando o veneno usado na plantação: “Tentei impedir com as minhas folhas e meus galhos em riste, meus braços erguidos em alarme geral. A madrugada é silenciosa demais, a natureza não cuida dos homens, estamos aqui para incendiar, envenenar, alagar, secar, não há nas plantas nenhum instinto que ampare a maciez humana” (Carrara, 2024, p. 201).

Personagens como Carlos e Guerlinda são vítimas de um macrosistema que explora o território em função do capital, gerando um empobrecimento não só na terra, mas também no meio de vida e convivência no campo. O veneno é o hiperobjeto que coabita o território, mas diferentemente dos quatro objetos narradores que guiam a ficção, o hiperobjeto destrói silenciosamente a convivência física e psíquica dos humanos, explorando a terra até a exaustão e modificando o próprio ser.

Ainda sobre as personagens, traçamos um foco na experiência materna da personagem Guerlinda e sua também exaustão existencial. O acúmulo do trabalho materno e da lavoura constroem um processo de ausência de si para sua identidade. Nesse âmbito, destaca-se como podemos enxergar a maternidade pelo viés político de atravessamento no sujeito feminino, sendo tangencial para sua atuação coletiva e subjetiva. A maternidade política problematiza a expropriação do trabalho e do corpo na lógica do sistema patriarcal e capitalista, mas também aponta para uma construção autônoma da experiência materna. A discussão no âmbito das maternidades possíveis e outras formas de maternar é percebida como um dos temas frequentes na literatura de autoria feminina contemporânea no Sul Global, debatendo a partir de perspectivas multifacetadas.

O romance *A árvore mais sozinha do mundo* nos convoca a pensar a partir de pontos que se conectam com textos e discursos do tecido social, provocando-nos a refletir sobre uma relação interligada de tudo que existe e do mundo vivo: “Fico imaginando um cenário em que as pessoas são como as árvores conectadas em uma floresta secular e imensa [...]” (Carrara, 2024, p. 204). O monólogo interior da árvore, que fecha a narrativa, age reforçando a argumentação de rompimento com a dicotomia entre humano e natureza. Como nos diz Mbembe, “O mundo vivo é uma arborescência” (2025, p. 25).

REFERÊNCIAS

ALAIMO, Stacy. Feminismos transcorpóreos e o espaço ético da natureza. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 909–934, maio/ago. 2017.

ALLEN, Graham. *Intertextuality*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CARRARA, Mariana Salomão. *A árvore mais sozinha do mundo*. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2024.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, Instituto Socioambiental (ISA), 2014.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

FEDERICI, Silvia. *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*. São Paulo: Elefante, 2022.

GAARD, Greta. Novos rumos para o ecofeminismo: em busca de uma ecocrítica mais feminista. In: BRANDÃO, Izabel (Org.). *Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010)*. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. 15 ed. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2004.

MBEMBE, Achille. *Comunidade terrestre*. São Paulo: N-1 edições, 2025.

MORTON, Timothy. *Pensamento Ecológico*. São Paulo: Quina Editora, 2023.

O'REILLY, Andrea. "Matricentric Feminism: a Feminism for Mothers". In: O'REILLY, Andrea. *Maternal Theory: Essential Readings*. Canadá: Demeter Press, 2007, não paginado.

RODRIGUEZ, Graciela. Ecofeminismo: superando a dicotomia natureza/cultura (pp. 37-56). In: Rodriguez, G. (Coord.). *As mulheres na Rio+20: diversas visões contribuindo ao debate*. Rio de Janeiro: Instituto Equit, 2013.

ROSA, Marcela Pereira. Capitalismo dependente e questão agrária no Brasil: a exploração do trabalho nas lavouras de fumo. *Germinal: marxismo e educação em debate*, Salvador, v.16, n.3, p.310-331, dez, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/download/64037/36333/257009>. Acesso em: 12 abr. 2026.

SAAVEDRA, Carola. *O mundo desdobrável: ensaio para depois do fim*. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

STEVENS, Cristina. Ressignificando a maternidade: psicanálise e literatura. *Gênero*. Niterói, v. 5, n. 2, p. 65-79, 2005. Disponível: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31140/18230>. Acesso em: 12 abr. 2026.

Recebido em: 09/05/2026

Aceito em: 13/07/2026